

# “Escutas da docência”: Ensino de História sobre a ditadura em tempos de autoritarismo e capitalismo digital pandêmico

*Listening to Teachers: History Teaching about Dictatorship in Times of Authoritarianism and Pandemic Digital Capitalism*

Edmilson Alves Maia Junior\*

## RESUMO

O artigo reflete sobre experiências e narrativas compartilhadas na série de podcasts “Escutas da docência: aulas de História sobre a ditadura”, produzida pelo Grupo e Projeto de Extensão Fontes Históricas da Ditadura, da Licenciatura em História da FECLESC/UECE na cidade de Quixadá-CE. As discussões dos episódios deram-se junto a professores de escolas públicas do Sertão Central Cearense através de plataformas digitais e utilizando-se de métodos da História oral. Foram abordadas temáticas relacionadas ao ensino da ditadura civil-militar (1964-1985), às práticas docentes, bem como os seus desafios no tempo presente, tais quais o autoritarismo, a pandemia e o ensino remoto. Nossa análise evidenciou a necessidade de luta para construção de uma educação verdadeiramente crítica, a defesa do Estado democrático de direito e da justiça social, bem como o combate a narrativas negacionistas.

Palavras-chaves: Ditadura; Narrativas; Podcasts.

## ABSTRACT

The article reflected on shared experiences and narratives in the podcast series “Teacher Listening: History classes on Dictatorship”, by the Group and Extension Project Fontes Históricas da Ditadura, of the Licentiate in History at FECLESC / UECE in the city of Quixadá-CE. The chances of the episodes took place with public schools in Sertão Central Ceará through digital platforms and using methods of Oral History. Themes related to the teaching of the Civil-Military Dictatorship (1964-1985), teaching practices, as well as their challenges in the present time, such as authoritarianism, the pandemic and remote teaching, were addressed. Our analysis highlighted the need to fight for the construction of critical essential education, the defense of the democratic rule of law and social justice, as well as the fight against negationist narratives.

Keywords: Dictatorship; Narratives; Podcasts.

\* Universidade Estadual do Ceará, Quixadá, CE, Brasil. [edmilson.junior@uece.br](mailto:edmilson.junior@uece.br)

## DIMENSÕES INTRODUTÓRIAS DE UM PROJETO DE HISTÓRIA PÚBLICA SUBMERSO NAS ÁGUAS E ANGÚSTIAS DO INÍCIO DO SÉCULO XXI

Nosso texto resulta das atividades do projeto de extensão “Fontes Históricas da Ditadura” (Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central Cearense/Universidade Estadual do Ceará - FECLESC/UECE) e discute narrativas (RICOEUR, 2010) docentes sobre o ensino da ditadura em tempos de autoritarismo (CARVALHO, 2021; EMPOLI, 2020), capitalismo digital (HAN, 2015; BERARDI, 2019; ZUBOFF, 2020) e pandemia. Dividimos em três seções: considerações iniciais sobre o projeto e suas “metamorfoses”; o diálogo com falas docentes sobre o avanço do negacionismo sobre a ditadura; e aspectos do neotecnicismo vivido nas aulas online em 2020 e 2021.

O projeto, em 2018 e 2019, promoveu palestras sobre a ditadura civil-militar (1964-1985) em Escolas Públicas do Sertão Central Cearense com o objetivo de pensar e articular a História como instrumento social na elaboração de mais cidadania e cultura críticas com os estudantes, sendo possíveis multiplicadores dos direitos sociais, inclusive o de não serem escravos da memória e sim percebê-la de maneira reflexiva e “libertadora” (LE GOFF, 1995).

Estudamos diferentes versões e experiências da ditadura em “um quadro mais complexo e fino das muitas relações possíveis das sociedades com os regimes autoritários e ditatoriais” (ROLLEMBERG, QUADRAT, 2010, p. 10), na problematização da memória como relação entre temporalidades, com silêncios, intencionalidades, ênfases e na própria indagação dos “achismos” e *fake news* em atividades nas escolas a partir de pressupostos tais:

fazer História pública não é só ensinar e divulgar certo conhecimento. Pressupõe uma pluralidade de disciplinas e integração de recursos diversos. É um novo caminho de conhecimento e prática, de como se fazer História, não só pensando na preservação da cultura material, mas em como colaborar para a reflexão da comunidade sobre sua própria História, a relação entre passado e presente. Enfim, como tornar o passado útil para o presente. (ALMEIDA & ROVAI, 2011, p. 8)

Com a eclosão da pandemia da Covid-2019 em março de 2020, tivemos o necessário isolamento social feito por autoridades, governadores e prefeitos, para a contenção da doença, o que ocasionou o fechamento de instituições e ambientes que promovessem aglomeração (como as escolas), fazendo com que

as palestras presenciais sobre os “usos do passado” da ditadura fossem interrompidas.

Refletimos sobre a grave situação (acentuada em níveis de contaminação e mortes por um governo federal negacionista<sup>1</sup>) e como poderíamos dar prosseguimento ao debate entre História e memória nessa História pública que concebíamos, de modo que o projeto de extensão decidiu por uma inserção crítica nas plataformas online através de elaborações e postagens de narrativas sobre a ditadura.

Já fazíamos processos de investigação de diversas fontes históricas (memes, vídeos, fotos, jornais, revistas, documentos oficiais, estatísticas etc.) nas palestras. Tais fontes eram tratadas como narrativas junto aos colegiais no estudo sobre as tessituras e as interações das temporalidades da ditadura e do presente, uma vez que o “tempo torna-se humano na medida em que está articulado de modo narrativo, e a narrativa alcança sua significação plenária quando se torna uma condição da existência temporal” (RICOEUR, 2010, p. 93).

O conceito de narrativa enquanto *mimesis*, uma “imitação do real”, do tempo histórico, foi central, portanto, para nossas análises de fontes diversas sobre a ditadura e seus significados no debate público.

Uma narrativa, dessa forma, não é uma simples modalidade textual. É um modo de apreender mundo, de dar sentido à vida. Eventos, pessoas, sentimentos que se encontram dispersos espacial e temporalmente, que têm estatutos distintos (pois pertencem aos mundos dos sonhos, dos desejos, do passado, das expectativas de futuro etc.) podem ser reunidos, conectados em diferentes relações causais e, assim, apreciados, organizados, experimentados, comunicados. (LEAL, 2013, p. 29)

Conceito essencial em nossas próprias investigações dos usos das diversas fontes históricas da ditadura como montagens, *mimeses 2*, norteou configurações lógicas da linguagem nas vivências e representações dos fatos da ditadura a serem explicadas com os estudantes, apresentando as fontes e fazendo indagações sobre suas elaborações e intencionalidades. Pois,

na mimese 2, abre-se o reino metafórico do “como se”. Ela é a operação poética de configuração, produzida por um autor, que imita e dá forma ao vivido. A mimese 2 é a própria intriga tecida pelo autor. Embora Ricoeur pareça privilegiar o livro, o texto escrito, a intriga pode ser também um quadro, um filme, um

código, uma música, uma novela, um discurso, uma aula, um diálogo, uma sessão de terapia, enfim, toda linguagem que busca dar forma ao vivido. (REIS, 2011, p. 293)

Agora, ao decidirmos pela elaboração de “intrigas” digitais *on-line* na discussão da ditadura vista entre temporalidades e memórias, iniciávamos uma interlocução com um debate da propriedade/mobilização dos dados pessoais, de efeitos de verdade nas redes sociais, de algumas das dinâmicas no nosso tempo presente, de como os “novos protocolos automatizados são planejados para influenciar e modificar o comportamento humano em escala” da “mesma forma que os meios de produção são subordinados a um novo e mais complexo meio de modificação de comportamento” (ZUBOFF, 2020, p. 31).

Buscamos adentrar, de forma crítica, nas redes desse “capitalismo de vigilância”:

Mesmo quando a nossa sociedade aborda os malefícios capitalistas produzidos pelas empresas de tecnologia, tais como aqueles relacionados ao monopólio ou a privacidade, essas ações não interrompem de fato o compromisso de uma empresa com o capitalismo de vigilância e a continuidade da elaboração deste por parte dela. (ZUBOFF, 2020, p. 35)

Avançamos numa interação com textos e reflexões sobre o imaginário político com a presença das *fake news* no mundo digital. Nossas elucubrações aprofundaram-se, paulatinamente, quando discussões foram se ampliando sobre o “capitalismo digital”, agora “pandêmico”, sobre a atuação de negacionismos e das chamadas “verdades alternativas”:

Por trás do aparente absurdo das *fake news* e das teorias da conspiração, oculta-se uma lógica bastante sólida. Do ponto de vista dos líderes populistas, as verdades alternativas não são simplesmente um instrumento de propaganda. Contrariamente às informações verdadeiras, elas constituem um formidável vetor de coesão. (EMPOLI, 2020, p. 23)

Com o objetivo de explorar essas metamorfoses e ações no presente artigo, discutiremos uma das principais atividades desenvolvidas: a série de podcasts *Escutas da docência: aulas de História sobre a ditadura*, produzida e pu-

blicada entre setembro de 2020 e abril de 2021, com a participação de professores(as) da educação básica,<sup>2</sup> que organizaram conosco dezenas de palestras nas escolas públicas em 2018 e 2019.

Uma série de oito episódios com duração média de duas horas e divididos em duas partes nas quais, conjuntamente com bolsistas, fazíamos perguntas aos, geralmente, três a seis docentes de diferentes cidades, elaborando enredos em sessões virtuais posteriormente disponibilizadas em plataformas distintas (Facebook, YouTube, Instagram e Spotify) após uma edição final, feita por uma bolsista habilitada para a tarefa de extrair ruídos, falhas técnicas, inserir imagens e trilhas sonoras.

Tivemos como foco o Ensino de História sobre a ditadura, mas contamos com a presença de alguns docentes de Português, Filosofia e Sociologia, trazendo a interdisciplinaridade sobre o tema para as “intrigas” que associaram a luta “por uma história maior e mais humana” (BLOCH, 2001, p. 39), a uma educação de qualidade e libertadora (FREIRE, 2011), com debates conduzidos a partir da metodologia da História oral, no âmbito da História oral temática (ALBERTI, 2008), com contatos iniciais e agendamento dos encontros, confecção de roteiro, gravações, autorização para análise e divulgação do conteúdo nas páginas e canais do projeto de extensão, além da posterior transcrição e seu estudo.

Propusemos um roteiro para as “intrigas”, com certos tópicos: apresentação de trajetórias acadêmicas e atuações no ensino; o tema da ditadura civil-militar no currículo escolar, além de práticas e materiais didáticos na sua abordagem; influências da internet, dificuldades e possibilidades relativas ao universo cultural e cotidiano dos alunos; desafios enfrentados com a pandemia, autoritarismo, ensino remoto; e impressões sobre o projeto de extensão no diálogo com as culturas escolares e estudo da ditadura. Entendemos alguns aspectos das “aulas sobre a ditadura”, antes e depois do tempo presente da pandemia, com o avanço do autoritarismo e em meio as redes sociais e o universo digital.

Utilizamos a História oral enquanto “campo dialógico” (PORTELLI, 2010), com cada episódio trazendo reflexões singulares, às vezes convergentes, mas de ângulos distintos, uma vez que “cada entrevista é importante, por ser diferente de todas as outras” (PORTELLI, 1997, p. 17).

Narradores/as de trajetórias pessoais e profissionais singulares enrique-

ceram a construção do conhecimento porque ouvíamos o que compartilhavam uns com os outros e com quem interagem através de suas narrativas. E vislumbramos, ao nos debruçarmos sobre essas “conversas francas”, os dois temas principais desse artigo: 1) a presença dos negacionismos da ditadura (e da pandemia) no tempo presente; 2) o caráter online das aulas face aos desafios e medos da Covid-2019, socialmente concebidos.

Com tais temáticas evidenciaremos o protagonismo dos professores e professoras “como autores de suas histórias, como responsáveis por suas palavras” dando total centralidade ao “caráter oral, dialógico, imaginativo destas narrativas” (PORTELLI, 2010, p. 216) feitas nas conversas conosco e entre si nas gravações. Priorizaremos no artigo suas falas sobre as experiências e dilemas em trechos interpretando as circunstâncias citadas, com uma História pública em uma dada “atitude de presença” na

capacidade de ocupar estrategicamente uma rede social, tornando-se seu protagonista, ponto de referência e irradiador de informações e debates, sujeito-autor capaz de propor temas e de gerar o engajamento de outros usuários. [...] O historiador público deve, para tal, dominar a linguagem das redes sociais – desde a composição do conteúdo até o discernimento de perfis de comportamento e demanda dos usuários, passando por elementos tão diversos quanto fundamentais para quem se debruça sobre esse universo, tais como design, monitoramento e estratégias de divulgação. A “atitude de presença” é, antes de tudo, fazer-se visível, posicionar-se na *timeline* dos usuários. (CARVALHO, 2016, p. 45)

Por isso utilizamos criticamente ferramentas, como o Google Meet, para as gravações das conversas com os profissionais da educação, e nos inserimos na “podosfera”, o ambiente da mídia *Podcast*, que vem angariando mais popularidade devido às vantagens como, dentre outras, a liberdade de escolha do ouvinte e sua possibilidade de consumo online e offline (JAQUES, 2010). Tal “atitude de presença” no mundo virtual em canais de reflexão sobre a ditadura cria um debate honesto, responsável, com os próprios docentes da educação básica na elaboração dessas narrativas dialógicas digitais sobre os dilemas cruciais do presente.

Uma vez que o “capitalismo marcou e codificou o corpo do intelecto geral em rede, segundo o modelo operacional baseado na acumulação de valor, e não em um modelo de utilidade social” (BERARDI, 2019, p. 182), com a fabri-

cação desses enredos de professores e professoras ocupamos a rede para enfrentar a “acumulação de valor” em busca de “utilidade social” para além de valores de “competição”, para ouvi-los e ouvi-las em tempos de angústia. Tentamos pautar, a busca pelo outro em seus saberes e experiências.

Na travessia em tempos pandêmicos, mergulhamos nas águas turbulentas da história recente em que “intrigas” negacionistas e/ou ideologicamente revisionistas concebem uma imagem romantizada da ditadura com notícias falsas e produções audiovisuais desonestas nas grandes mídias e meios digitais (MENESES, 2019) e em como os professores e professoras percebem essas dramáticas “disputas de memória” no seu ofício (POLLAK, 1989).

Informamos, antes de avançar nas temáticas prioritárias do texto, que debatemos com os bolsistas Bianca Alessandra, Wagner André, Wesley Martins e Thyara Lemos. Apresentamos aqui uma análise polifônica em (auto) análise das ações colaborativas realizadas.

#### AULAS DE HISTÓRIA NO DEBATE DO AUTORITARISMO NEGACIONISTA

Professoras e professores entrevistados narraram seus anseios, alguns existentes antes da pandemia e das aulas via internet, mas que passaram a ser vividos nesse universo de angústias da exploração online, de um governo persecutório e uma crise sanitária. Nas entrevistas concedidas, e disponibilizadas nos canais online do projeto de extensão, os/as participantes posicionaram-se quanto a esse quadro. Elas e eles, com suas “intrigas”, “enredos”, suas *mimeses 2*, atuaram novamente sobre seu tempo, ao relatarem trajetórias e situações atuais.

Um dos temas-chave percebidos foi à presença constante do negacionismo da ditadura. Assim, Douglas Magalhães, professor do ensino médio na cidade de Pedra Branca, no primeiro episódio postado, em 03 de outubro de 2020, interpretou que

é um debate que, que... teve que ser aprofundado e... com todo cuidado do mundo agora. Porquê qualquer... a qualquer momento as suas falas podem ser distorcidas. O aluno pode pegar um celular dentro do... do horário da aula. E gravar um trecho da tua aula, distorcer a forma como aquilo foi apresentado e você ser jogado a público como “doutrinador”. Então, tudo isso modificou a forma como a gente trabalha a ditadura militar. Não que a gente deixou de falar, não é? Mas a

gente teve que fortalecer o trabalho em cima desse... desse período da História. Não... não tem como a gente, é... concordar com pessoas que, que defendem que a ditadura foi uma revolução democrática. É inaceitável isso, não é? Todo o processo de formação que a gente teve impossibilita isso e toda a historiografia impossibilita isso. Então é algo que mudou ao longo dos anos, dentro de sala de aula. Eu tive que... num congresso, numa formação dentro da SEDUC. E um professor falar de “revolução democrática”, e eu “Pelo amor de Deus, cara. Impossível aceitar isso, minha formação não deixa, minha leitura não deixa e a gente não pode é... aceitar isso”. E aí, a fala também da mediadora no momento, assim, todo mundo... ficou boquiaberto com a fala. São alguns dos problemas, da problemática que a gente tem que lidar em sala de aula e... em sociedade, não é? O papel do historiador agora é muito mais importante. A gente é muito mais visado, além de sala de aula, é em sociedade. A gente conseguiu... o Brasil conseguiu transformar o professor num inimigo público. Incrível isso... (ESCUTAS DA DOCÊNCIA 1, 2020)

Outro professor do ensino médio, Gusmão Amorim, de Itapiúna, Episódio 2, postado em 10 de outubro de 2020, destacou dimensões pungentes acerca do ensino da ditadura no tempo presente:

Eu recordo, pra falar de mudança, é... que em dois mil e dezessete eu já trabalhei esse tema, não é? Já dando a atenção que eu achava que ele merecia naquele momento, porque já havia esse clima de, de... principalmente criado pelo grupo que ascendeu ao poder hoje. É... pelo grupo lá do “Escola Sem Partido”. Já havia um pouco disso aí de forma muito forte, sabe? E, e... eu confesso que ali eu me senti muito, eu me senti desafiado. A estudar, a me aprofundar em muitas questões é... pra trazer isso pra sala de aula justamente pra promover um debate mais preciso sobre isso. É... mas já um pouco nervoso. Confesso isso, sabe? De... de um nervosismo, assim, de já me sentir tolhido em relação a alguma opinião é... que eu pudesse emitir ali, a alguma informação que eu pudesse emitir de forma mais... é, digamos, de forma mais crítica em relação ao assunto, sabe? O que piorou em dois mil e dezoito, sabe? Em dois mil e dezoito eu recordo que eu parei em várias turmas que eu tinha mais proximidade com os alunos. Parei nervoso e relatei a eles o porquê. Já sentindo a pressão do momento. Eu acho que ali foi o auge, não é? Depois das eleições. Ou paralelo às eleições, eu não recordo bem. Mas com toda aquela conversa de gravar professor em sala de aula, sabe? Toda a história da doutrinação, toda... todo aquele peso, já. É... em turmas enormes. Que era a

realidade de... Eu lembro que naquele ano as menores turmas tinham quarenta e dois, quarenta e três alunos, sabe? Um universo ali de pessoas que você não conhece bem, você não sabe bem do que... o quê que pode estar pensando, a qual grupo pode estar ligado. Então tudo isso mexeu comigo é... emocionalmente, naquele momento. Tanto que eu lembro que ali, eu já fui cheio de... como dizem, “pisando em ovos”. Eu já fui “pisando em ovos” praquele momento. (ESCUTAS DA DOCÊNCIA 2, 2020)

Nas “intrigas”, entendidas como enredos dos relatos docentes, foi discutido intensamente o autoritarismo em nossa atualidade, o epíteto de “doutrinador”, tentativas de controle, intimidação. Neste sentido, Evandro de Araújo, professor do ensino médio da cidade de Itapiúna, no episódio 2, falou também sobre pressões, censuras, invadindo o cotidiano escolar, relacionando temporalidades e impasses:

Até que ponto para alguns grupos sociais brasileiros, principalmente nas grandes capitais, até que ponto a ditadura acabou? É, nas periferias das grandes cidades, ainda continua a repressão e fortíssima. As periferias sofrem constantemente a repressão não só do tráfico, do crime organizado, mas também da polícia nas suas falas, suas organizações, nas suas formas de ser, nas suas sociabilidades. Então até que ponto a ditadura acabou realmente? Veja, se nós agora estamos tendo medo de falar e esse medo é real, ele tem sentido. A gente tem medo de falar porque pode ser gravado e o presidente avisou: “pode mandar pra mim o vídeo”, não é? Então é problemática a situação. (ESCUTAS DA DOCÊNCIA 2, 2020)

As narrativas trazem medos concretos, sobre uma rede de silenciamentos produzidos, e os(as) professores(as) não se sentem confortáveis em levar para sala de aula temáticas importantes para um Estado democrático de direito, ao lidarem com notícias falsas e difamações que “fazem parte de uma complexa cadeia que vai desde a preparação dessas “notícias” até a escolha das melhores formas de distribuí-las” (CARVALHO, 2021, p. 160).

Os protagonistas “escutados” relatam sobre essas teias e responsáveis dessa “complexa cadeia” em uma crise sanitária global (onde alunos e professores muitas vezes não têm o mínimo de suporte técnico necessário para um ensino a distância) articulada ao autoritarismo presente e suas posturas negacionistas influenciando, de forma exacerbada, inúmeros indivíduos e grupos sociais.

Temos constantes deturpações, manipulações e falseamentos que nor-teiam tais posturas (MORAES, 2008), transformando as aulas que discutem a ditadura em momentos de tensão percebendo-se que “uma *fake news* pode ser encontrada, tal qual uma notícia verdadeira, não só na imprensa, mas também em diversos outros meios e formatos: na tradição oral, nos discursos políticos, em pregações religiosas, em cartazes e livros” (CARVALHO, 2021 p. 150).

Nesse sentido, ao responder à pergunta do que mudou na discussão da ditadura nos últimos anos, Aristóteles Pinheiro, de Solonópole-CE, do episódio 8, lançado em 26 de abril de 2021, foi mais um, mesmo sendo da Letras e ministrando aulas de português, que apontou a ascensão do ataque negacionista e autoritário ao ensino da ditadura, entre outras temáticas:

Em 2009, eu falava de ditadura militar e a gente fazia discussão e tudo mais e hoje a discussão é completamente diferente, porque já existe um discurso aí de fazer uma revisão histórica, né? E esse discurso tá chegando pros nossos alunos da educação básica, pros alunos do ensino médio que é o público com o qual eu li-do. Então, a gente sempre tem dois, três, quatro, cinco alunos em sala de aula que relativizam, por exemplo, quando a gente faz essa discussão sobre ditadura. ‘Ah professor, isso existiu mesmo? Mas, era uma ditadura mesmo? Ah, mas porque eu já li, porque eu já vi que na verdade...’ Então, assim, esse discurso de relativizar, ele tem sido cada vez mais frequente. Eu tenho visto isso nas minhas aulas de Língua Portuguesa, discutindo sobre ditadura militar, muito, muito. Hoje eu poderia dizer que não tem como mais a gente dar uma aula sobre ditadura militar, tratar esse assunto sem ouvir algum aluno em sala de aula relativizar e dizer que na verdade não foi ditadura. (ESCLUTAS DA DOCÊNCIA 8, 2021)

A última frase proferida pelo professor define-se, acreditamos, como um verdadeiro alerta para se combater pela História e o conhecimento ameaçados pelos mecanismos citados das *fake news*.

E, nesse itinerário por uma História, um conhecimento dialógico a favor do método e do respeito por ensino, pesquisa e extensão conectados, destacamos outra narrativa fecunda sobre vivências dessa escalada de um autoritarismo negacionista:

Dei aula num cursinho, e nesse cursinho [...] era história do Brasil, e eu fui falar sobre a ditadura militar, e eu falei com o mesmo entusiasmo, né, da maneira, que

eu... que... que aconteceu a ditadura militar no Brasil, e na sala de aula, era 95% masculina, e digamos 90% dos alunos com uma visão... bem, digamos assim, bem [risos] obscurecida, a respeito do que foi a ditadura militar. Os alunos começaram a fazer algumas contestações, não é? Dizer “que não, isso não aconteceu, isso foi mentira, isso é invenção de... de partido tal, partido y”. E aí na hora quando eu ouvi aquilo, eu fiquei, a minha ficha veio cair, que realmente o negócio tava meio feio. (ESQUITAS DA DOCÊNCIA 5, 2020)

Esta narrativa da professora Naiara Fernandes, de Quixadá, no episódio 5 lançado em 31 de outubro de 2020, atenta que a educação, especificamente aqui o Ensino de História da ditadura, está sob ameaça de negacionistas, pseudos “historiadores de redes sociais” com discursos revisionistas ideológicos que não se estruturam no sentido de contribuir para ampliação do conhecimento histórico, mas em difamarem o trabalho de pesquisadoras e pesquisadores.

As narrativas docentes comentam do processo de “notícias falsas que reverberam mesmo quando a fonte é anônima”, porque, “dentro do atual quadro de deslocamentos de autoridade, o domínio da técnica (neste caso saber utilizar a linguagem de cada mídia a favor de sua mensagem) e a amplitude da audiência (o número de compartilhamento) angariam credibilidade” (CARVALHO, 2021, p. 162-163). São propagadas visões de que não existiram ou que legitimam torturas e mortes, que a “branda” repressão foi necessária intervenção contra a “ameaça comunista”, que o Brasil estava em segurança e que seria na democracia que convivemos com a violência constantemente. Nesse sentido, a historiadora Sônia Menezes, nos ajuda a entender que

essa apropriação ordinária do passado não se faz sem o abuso da História, cuja competência é alcançada muitas vezes pela manipulação de informações e omissões deliberadas no tratamento de fontes sobre o passado. Uma bricolagem mal intencionada da competência historiadora ao mesmo tempo em que se serve dessa, para construir as informações que divulga como um valor de verdade para quem assiste, lê e escuta essa produção. (MENEZES, 2019, p. 3)

Professores e professoras evidenciam vozes “saudosistas” do autoritarismo ganhando popularidade e defendem uma educação com diversas fontes discutidas de forma crítica, não em adesões ingênuas a memórias individuais,

setoriais, mas no entendimento de onde partem tais discursos, suas matizes, na compreensão de suas lógicas em problemas de investigação.

Eudésia Nobre, de Quixadá, no episódio 6 lançado em 07 de novembro de 2020, interpretou que

a internet ela tá formando, e eu vou colocar aspas aqui, ela tá “formando” essa juventude de uma forma que o diferencial do professor é justamente organizar esse conhecimento que eles trazem, descartar alguns dos sentidos que eles trazem de que aquilo não constrói um conhecimento de fato, é, de um conhecimento bom em relação à sociedade e enfim. E isso, eu acredito que o caminho, né, que eu tenho me utilizado é partir do fato e com documentação, que é aí onde eu vou até parabenizá-los nesse sentido, que o projeto de vocês faz isso, não é? Que é falar sobre a temática embasado em documentos. Porque o negacionismo que se prolifera aqui no Brasil, até nisso ele traz algumas questões que dificultam o conhecimento. (ESCUTAS DA DOCÊNCIA 6, 2020)

Jeovani Saraiva, de Choró, episódio 3, de 17 de outubro de 2020, conta-nos mais sobre esses meandros do negacionismo e de relações de poder estabelecidas em sua disseminação, e reforça, como fez Eudésia Nobre, o diálogo com o projeto de extensão e práticas docentes nesse “combate pela História” a partir do debate de fontes históricas:

Então, há uma apropriação dos meios de comunicação, inclusive como nós já percebemos, já sabemos, com financiamento público. Através das “rachadinhas”, e outros acordos mais; essa propagação em massa das “fake news”. Então, eu acho que isso é uma das maiores dificuldades que nós temos: tentar desconstruir dentro da nossa seara, que é a sala de aula, que é o Ensino de História; que são as ciências, que são as ciências humanas. Desconstruir esse discurso do negacionismo, essa deslegitimação do papel do professor. Por isso que o projeto é bacana, porque ele traz essa perspectiva positiva do historiador trabalhando com essa diversidade de fontes, e esse é o compromisso do que eu acho que nós enquanto professores de História devemos assumir, não é? (ESCUTAS DA DOCÊNCIA 3, 2020)

Nesse tocante, acreditamos que Marcos Felipe Vicente, de Pacajus, no episódio 8, traz elementos sobre o papel dos usos da internet no debate público, marca comum de todas as narrativas, bem como opina sobre o aprimora-

mento da definição da ditadura em critérios mais amplos sobre distintas realidades que existiam e outras a serem vislumbradas:

Em relação a essa questão da ditadura é ainda mais evidente porque se trata de um período extremamente recente. E que alguns pais, alguns avós, ainda têm lembranças muito vivas desse período e que esses adolescentes acabam reproduzindo essas falas que ouvem dentro de casa. Ou ainda mais. As falas das redes sociais que hoje são um terreno sem controle, não é? Cada um escuta o que quer, fala o que quer e que o Estado de Direito ainda vai ter que correr muito atrás pra conseguir colocar limites, pra colocar fronteiras dentro dessa, desse espaço de fala. Então, é o grande problema. [...] E aí a gente parte daquele problema da pessoa querer generalizar uma experiência individual para o geral. “- Ah, se eu nunca vi nunca aconteceu. Se não aconteceu com o meu pai nunca aconteceu”... (ESCUTAS DA DOCÊNCIA 8, 2021)

Os relatos apresentam conflitos sociais refletidos em sala de aula; mostram à docência um lugar de choque entre fatos estudados, verificados e analisados pelo rigor do método histórico, contrário ao negacionismo e políticas autoritárias que atuam com relativismos, generalizações e mobilização de memórias a serviço de dadas “políticas da distorção” impositivas e que interditam a reflexão.

Acompanhamos também narrativas sobre o método histórico como a de Natália Lima, episódio 5, postado dia 24 de outubro de 2020, ao comentar das seletividades a serem problematizadas, sobre o período, vivências e representações, sobre a necessária ampliação investigativa de olhares e universos:

Um aluno me questionou assim: ‘ah mas o meu avô, é, me disse que foi um dos melhores momentos da história do Brasil. Que era um tempo muito bom e num sei o que!’. E aí aquele discurso, é, me fez pensar justamente nesse universo. Nessas narrativas, é, que povoam assim o pensamento dos alunos. Assim, o que eles têm de construído até chegarem na sala de aula sobre o assunto? [...] E aí as referências, como eu coloquei, elas são complexas, porque aí você vai ter esse avô, essa avó que falam obviamente conduzidos pelo que eles viviam e aí você precisa lembrar que esse rádio, essa tv eram censuradas, o que passava nesse contexto era tudo o que os militares queriam. Não tinha uma criticidade, não tinha alguém ali fazendo um trabalho reverso. (ESCUTAS DA DOCÊNCIA 5, 2020)

As memórias que certos indivíduos ou grupos têm sobre o período (como alguns que acham que a ditadura foi positiva) são diferentes da História enquanto debate público que almeja profundidade e verossimilhança aos fatos, e, sobretudo, um saber democrático em construção sem reducionismos que vai inclusive, como alertam os docentes, tratar dessas memórias e suas seletividades.

O poeta, ao afirmar que “toda história é remorso” (ANDRADE, 1999), nos ajuda a pensar sobre o fato de algumas feridas históricas permanecerem abertas em nossa sociedade justamente pela dificuldade de debatermos fatos históricos no tempo presente, entre eles o golpe em 1964 e a ditadura civil-militar. Alguns setores precisam legitimar seus discursos, criar um passado idílico, e, principalmente, fazer da História a imagem e semelhança de seus interesses, de modo que arquitetam a elaboração de uma memória patrimonial e a construção de elementos que possibilitem uma vaga lembrança de seu “ativo governo”. Assim fizeram os militares quando batizaram ruas, centros públicos, avenidas, escolas etc.

As disputas das memórias da ditadura foram centrais nos episódios, aparecendo como cada vez mais dramáticas no avanço do autoritarismo negacionista. Natália Lima vislumbra isso a partir do próprio nome de sua escola em Quixadá, César Cals, coronel e governador do Ceará entre 1971 e 1975, e um dos homenageados nesse culto a figuras e ao golpe de 1964 em espaços públicos em nosso país, com monumentos que buscam legitimar, solidificar um passado, uma falsificação dele, para defender “opiniões” e endossar impunidades:

Muitas vezes essas ruas, essas escolas trazem nas fachadas nomes de militares, não é? Então, a nossa história, (e costume dizer que o Brasil lida muito mal com o passado), a nossa história, ela não aprendeu a punir quem deveria ser punido. Os militares até hoje não passaram por esse processo, muito embora a gente lembre aí da comissão da verdade, mas não foi um trabalho que fez com que esses militares fossem punidos. Então, você ainda tem nomes de escolas, levando o nome de militares, ou se você pensar o próprio nome do César Cals, Virgílio Távora, que são escolas da cidade, de uma certa maneira esses nomes estão vinculados a esse processo de ditadura. (ESQUITAS DA DOCÊNCIA 5, 2020)

As falas docentes posicionaram-se e indicaram a necessidade de desconstruirmos um “passado agradável” a certos setores de modo a combatermos “abusos contra a História”. No estudo dos apegos a falsas narrativas, entender

o que se quer “ao negar” os acontecimentos. Pautarmos de forma plural, e embasada, as discussões sobre os fatos – não inventá-los de acordo com os interesses que regem os agrupamentos ideológicos, entendendo que “o ato de educar deve reconhecer o direito à verdade” (CARVALHO, 2021, p. 169).

## SOBRE ESTRATEGIAS E TÁTICAS EM MEIO À EDUCAÇÃO NEOTECNICISTA NA ERA DA CONECTIVIDADE E PRECARIIDADE

No oitavo episódio da série, Edijafre Souza, professor de uma escola de ensino médio em Maracanaú, narrou dessa maneira suas práticas docentes *online* na pandemia:

Eu acho que esse momento que a gente tá vivendo aí de aulas remotas, é, um ano já, eu estou repetindo várias vezes, vocês vão entender porquê, porque dá pra resumir numa palavra só, cara: angústia. Acho que angústia é o sentimento de todo mundo, é, nessas aulas remotas e eu falo de todo mundo, professores e alunos também, gestão também. É extremamente angustiante porque a gente sabe das dificuldades de cada um, das dificuldades que os alunos têm de acesso, dificuldades de disciplinas, dificuldades de acompanhar as aulas, dificuldades dos professores de dominar as tecnologias, enfim. Todas, todos os atores da escola têm passado por situações muito difíceis nesse período e o pior de tudo, o que aumenta ainda mais essa angústia é você não ter a perspectiva. De um retorno tão breve. Então isso tudo gera uma série de sentimentos que acabam interferindo no trabalho da gente, quer a gente queira quer não. Vontade a gente até tem de tentar, de produzir alguma coisa, mas... mas poxa, eu vou fazer isso, será se o aluno vai ter condições de realmente atender a essa demanda? Mas se a gente não faz também nada... mas a gente tem que fazer alguma coisa porque a gente precisa manter o aluno focado, manter o interesse do aluno. Então ficam essas duas coisas, a gente fica no meio, angustiado, sem saber como agir, o que fazer, não é? (ESCUTAS DA DOCÊNCIA 8, 2021)

Acerca dessas dificuldades “repaginadas”, bem como as “táticas” docentes para lidarem com elas, nos tempos pandêmicos, propomos uma breve opinião com base em Michel de Certeau, acerca de seus conceitos de “tática” e “estratégia” na sociedade do consumo e esferas da sociabilidade capitalista contemporânea:

Chamo de “estratégia” o cálculo das relações de força que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável de um “ambiente”. Ela postula um lugar capaz de ser circunscrito com um próprio e, portanto, como capaz de servir de base a uma gestão de suas relações com exterioridade distinta. A nacionalidade política, econômica e científica foi construída segundo esse modelo estratégico. Denomino, ao contrário, “tática” um cálculo que não pode contar com um próprio, nem, portanto, com uma fronteira que distingue o outro como totalidade visível. A tática só tem por lugar o do outro. Ela aí se insinua, fragmentariamente, sem apreendê-lo por inteiro, sem poder retê-lo à distância. (CERTEAU, 1994, p. 45)

No período em que o projeto “Invenção do Cotidiano” de Certeau deu-se, nos anos 1970 para os anos 1980, tínhamos uma situação de homens e mulheres que lutaram durante décadas no século XX contra as estratégias de empresas e governos e assim o território da própria percepção das táticas era mais evidente, sua capacidade de agir no “lugar do outro”. No século XXI, temos estratégias que souberam lidar com as táticas e um novo momento em que o universo digital, caracterizado pelo que falamos aqui com dados argumentos, contribui para que as táticas sejam mais relativizadas pelas estratégias que articulam, de forma inédita e brutal, conectividade e precarização dos sujeitos.

Identificamos nos relatos docentes um cotidiano escolar atual bastante pautado no conceito de um “neotecnicismo”, fruto da reconfiguração capitalista neoliberal da virada do século XX para o XXI, em que a escola é percebida como um ambiente formador para o mercado de trabalho e a meritocracia, competição, o individualismo, hierarquia e produção constante são os valores pregados (MIRA & ROMANOWSKI, 2009).

Os “enredos” dos professores e professoras tratam da situação atual e das resistências ao capitalismo digital e o negacionismo autoritário presente nas redes. Incluindo nesse contexto o “neotecnicismo” atualizado na pandemia, no cotidiano escolar em que se visava a continuidade de realização e, principalmente, na aferição dos resultados de avaliações externas, como os vestibulares, em detrimento de aulas voltadas para reflexões críticas das temáticas, além do elevadíssimo patamar de precariedade das experiências, destacada na narrativa emocionada e emocionante de Edijafre Muniz.

As falas docentes nos contam dos embates diante das estratégias desse universo online conectado e precário em que “o trabalho cognitivo tem uma

total dependência da organização capitalista da rede global, dependência que as emoções e o pensamento passam a ter do fluxo de informação” (BERARDI, 2019, p. 143). E que “a escola e a universidade são cada vez menos destinadas à formação de pessoas livres e cada vez mais à produção de terminais humanos compatíveis com circuito produtivo” porque “a informatização digital torna possível um processo de recombinação a-subjetiva de informações que não tem a função de significar o mundo ou de representá-lo, mas de gerá-lo, como mundo de síntese: a rede” (BERARDI, 2019, p.141).

Uma vez que “o processo produtivo global aparece tendencialmente como um mar de fractais reprogramáveis e celularizados. A pessoa é apenas o resíduo irrelevante, intercambiável, precário do processo de produção de valor” (BERARDI, 2019, p. 139).

As aulas remotas nos formatos que aconteceram durante a pandemia resignificaram a radicalização das condições de exploração online e dessa sabotagem das atividades docentes preocupadas com a reflexão. Acirrou-se um cenário no qual o “celular é o instrumento que possibilita o encontro entre as exigências do semiocapital e a mobilização do trabalho vivo ciberespecializado. O toque do celular chama o trabalhador a reconectar o seu tempo abstrato ao fluxo reticular” (BERARDI, 137, p. 19) em que “seu tempo não lhe pertence porque está à disposição do ciberespaço produtivo, reprogramável” (BERARDI, 2019, p. 137).

Como quando Marília Oliveira, de Ibareta, no episódio 7, conta-nos que

sobre a questão da pandemia, nossa... os desafios aumentaram pra quem é professor, aumentaram infinitamente, não é? Pensando nessa questão, porque assim, eu me vejo hoje passando muito mais tempo respondendo WhatsApp do que preparando minha aula ou dando minha aula. O tempo de atendimento síncrono, oh!, mínimo, mínimo, mínimo. Aí eu fico pensando, eu levo maior tempo pra preparar o que eu quero trabalhar, preparar o conteúdo, transformar esse conteúdo numa vídeo aula, porque a gente faz vídeo aula também e deixa disponível pros meninos. Preparar vídeo aula, preparar atividade, trabalhar no síncrono, atender no síncrono e depois todas as demandas, a burocracia que... parece que a burocracia aumentou. Porque agora tem um link pra enviar o plano, um link pra enviar as atividades para alunos que não têm acesso e tem que ser caderno de atividades, um link pra enviar mais num sei o que, gente eu já estou doida

com tanto link que eu recebo todo dia, que eu tenho que enviar alguma coisa dentro de cada link desse, não é? (ESQUITAS DA DOCÊNCIA 7, 2021)

A professora percebe-se imersa nas redes, diríamos “celularizada”, como diz Berardi, mas nas palavras dela como virando uma “blogueirinha” e chamando atenção, para algo citado por vários docentes, que o contato com a internet pelos sujeitos, inclusive os mais jovens – os estudantes – dá-se em dadas situações concretas e seletivas:

Eu estou dizendo agora nesse ano, que eu virei blogueirinha. Porque eu faço tutorial quase todo dia, eu baixei aqueles aplicativos que grava a tela do celular e os meninos [...] o uso que fazem da tecnologia é tão específico que um menino não sabe verificar o que chegou na caixa de e-mail. Sabe usar pra colocar no Facebook, pra cadastrar no jogo, mas não faz a mínima ideia de como é que vai acessar o e-mail, e a minha vida agora é gravando a tela do celular, fazendo tutorial pra esses meninos. (ESQUITAS DA DOCÊNCIA 7, 2021)

Assim, “conectividade e precariedade são os dois lados da mesma moeda” (BERARDI, 2019, p. 107), tocadas por Ellen Diany, de Ocara, no episódio 7, ao narrar que

nós nos deparamos com outra realidade que até então nós não tínhamos convivido que era ser professor de ensino à distância sem as ferramentas e sem o apoio pra um ensino EAD. E aí quando a gente embarca nesse de ensino remoto a gente se depara com várias situações, muitas situações, com vários contextos, desde alunos que não têm um aparelho celular, que não têm internet, alunos que a mãe tem que dividir o celular pra três em uma casa, alunos que têm acesso, tem celular e que não acompanham. Nós nos deparamos com diversas situações e aí dentro desse contexto eu me pego questionando da seguinte forma: onde fica nossa saúde mental também, do professor? Porque se fala muito da saúde mental. Porque nós somos seres humanos e nós estamos trabalhando. Muito me dói quando eu escuto alguém dizer assim “não, tá todo mundo com esse tempo todo em casa”... O que nós temos trabalhado em casa, meu pessoal, não tá no gíbi não, não é? E aí, a gente tem que ter um controle muitas vezes que nós não temos, eu pelo menos não consigo administrar isso. O tempo, o meu tempo, o tempo da Ellen enquanto pessoa, e o tempo da Ellen professora. Esse ano eu estou tentando me policiar mais, mas ano passado foi um ano muito cansativo para todos nós e

muito difícil porque muitos de nós não conseguimos administrar esse nosso tempo. (ESCUTAS DA DOCÊNCIA 7, 2021)

Com a pandemia, as relações de poder reconfiguradas, a situação agrava-se em relação à nova temporalidade marcada, acirrada, por dados usos das tecnologias digitais:

Na época do relógio de ponto era possível estabelecer uma clara separação entre trabalho e não trabalho. Hoje edifícios de trabalho e salas de estar estão todos misturados. Com isso torna-se possível haver trabalho em qualquer lugar e qualquer hora. Laptop e smartphone formam um campo de trabalho móvel. (HAN, 2015, p. 116)

As narrativas docentes comentam o universo dos estudantes com o meio digital ou sua exclusão, singularidades, usos do tempo de forma complexa e massacrante para os envolvidos nessa roda-viva que priorizou, em nossa opinião, o “neotecnicismo” das aulas a todo custo e sem um debate público mais amplo e democrático sobre a pandemia, as aulas online e a educação, radicalizando a precarização em meio ao “campo de trabalho móvel”. O que avaliamos em falas como a de Ellen Diany:

A gente atende aluno uma hora da manhã, a gente atende aluno três horas da manhã, não é? [...] me vem à cabeça que parece que eles não têm essa noção do nosso tempo. E as vezes eu mesma peço com isso... O menino me manda mensagem dez horas da noite e eu olho aquele aluno que dificilmente ele tem acesso eu digo: poxa vida é a única oportunidade que ele está tendo em estar se comunicando. Hoje eu estava vendo uma matéria que dizia exatamente isso, o quanto o cansaço de você passar o dia em cima de uma tela lhe causa no final do dia. [...] A sala de aula, ela lhe proporciona a troca de olhar, o debate, o contato, que a gente acaba não tendo. Até onde o ensino remoto te proporciona realmente a aprendizagem? (ESCUTAS DA DOCÊNCIA 7, 2021)

Estamos discutindo o agravamento da conectividade em dados termos:

Na precariedade, manifesta-se uma impossibilidade de traduzir as intenções em ações, em comportamento. Dentro do regime de aleatoriedade dos valores flutuantes, a precariedade se torna uma forma geral da relação social e afeta a composição social da nova geração que se coloca no mercado. A precariedade não é

um aspecto peculiar, mais ou menos amplo, da relação produtiva, mas o núcleo negro do processo de produção. (BERARDI, 2019, p. 136)

Presenciamos nos enredos docentes dadas condições de exploração e sabotagem “neotecnicista” em tempos pandêmicos e aulas online, em circunstâncias que realizaram a precarização a todo vapor junto com a “conexão”, o “acesso” ao virtual. Com a pandemia e suas relações de poder estabelecidas, a situação agravou-se, em uma nova temporalidade, acerca dos usos políticos, econômicos e sociais das tecnologias digitais eletrônicas.

As duas últimas professoras, após quase um ano de vivências “remotas”, no episódio 7, postado em 10 abril de 2021, narraram elementos concretos do Ensino de História nos “anos pandêmicos”, com a junção de conectividade/precariedade à ausência de debate público sobre situações intrincadas e múltiplas, com o agravamento desse quadro pela presença ativa e constante da variante negacionista atuando politicamente na sociedade.

Nesse sentido, outro entrevistado, novamente no episódio 7, Elmo Rodrigues, professor do ensino fundamental em Quixeramobim, igualmente interpretou suas experiências e impressões acerca de facetas das aulas online nos tempos pandêmicos:

Eu não dou aula pelos aplicativos, pelo Zoom, pelo Meet, porque infelizmente simplesmente fica inviável para maioria dos meus alunos. Ano passado, quando ainda não sabia dessa realidade, chegava o momento de eu ter que dar aula pro nono ano, pra trinta alunos, ter três alunos acessando. A partir dessas experiências do ano passado, decidimos que esse ano todos professores trabalharíamos basicamente ou com vídeos curtos de explicação de conteúdo, no máximo, chegaram a dizer pra nós no máximo três minutos porque a maioria tem acesso à internet através dos dados móveis que acaba consumindo, o vídeo acaba consumindo bastante internet. (ESCLUTAS DA DOCÊNCIA 7, 2021)

Defendemos que os relatos docentes, sobre o acesso virtual em circunstâncias efetivas da pandemia, explanam que a conectividade não foi pensada na gestão de um processo ensino-aprendizagem possível a ser discutido. Procurou-se uma forma “burocratizante” e “automática” no “fluxo de semiprodução” que “captura e conecta fragmentos celulares de tempo despersonalizado” (BERARDI, 2019, p. 107). As narrativas fornecem elementos de um cenário em que (sem a devida discussão coletiva dos aparelhos, plataformas e

suas lógicas, acessos) o Estado e a sociedade, opinamos, promoveram um ensino de viés mais “neotecnicista”, como quando Elmo Rodrigues fala que

complica bastante, pelo menos a dinâmica do meu trabalho, ficar limitada a encaminhar diariamente atividades e no máximo tentar explicar o conteúdo pelo WhatsApp, para aqueles que perguntam, para aqueles que ainda tem a iniciativa de perguntar de tirar uma dúvida. (ESCUTAS DA DOCÊNCIA 7, 2021)

Com ele, aprofundando sua leitura do tempo histórico, em nossa opinião, definiu-se a conectividade realizada no ensino remoto dos anos pandêmicos como acontecendo na maior parte dos casos de forma idealizada sem uma necessária reflexão acerca da concretude de sua implementação ou quando essa conectividade nem mesmo se faz possível.

Infelizmente as desigualdades se acentuaram na minha realidade de trabalho por conta dessa pandemia, já que como eu falei, a maioria não tem acesso à internet. Eu me preocupo principalmente com as realidades dos alunos do interior do país. Se como eu falei, já é difícil para um distrito que fica próximo à zona urbana da cidade que deveria, em tese, deveria ser o mais bem equipado para esse tipo de trabalho, de organização mesmo do distrito como um todo, imagina então um distrito que fica a 40, 50, 60 km da sede urbana do município. (ESCUTAS DA DOCÊNCIA 7, 2021)

Professores e professoras narraram o cruzamento de tensões recentes e aprofundadas nos “anos pandêmicos”, do ensino remoto em suas operacionalidades efetivas. Linhas de nossa época, sua tessitura em construção, e, em parte, refletidas e trazidas nesse artigo em trechos de alguns docentes da série “Escutas da Docência”, com muitos debates por vir.

Finalizamos, por hora, com Ciro Barbosa, de Quixeramobim, participante do episódio 6, postado dia 7 de novembro de 2020, interpretando seu tempo vivido. O docente relaciona o autoritarismo negacionista aos meios remotos e disputas sociais. Coloca dúvidas sobre a educação atual em disputa e seus desdobramentos futuros numa História que permanece aberta e imprevisível:

E a gente dá aula hoje, nessa situação que nós estamos, de pandemia, com essas aulas remotas e a gente sai da sala de aula tradicional e entra na casa desses alunos, é... Uma vez por semana, e do outro lado lá do... do celular, da tela deles, ninguém sabe exatamente quem é que está lá, não é? Então, a gente não sabe

quem é pai, quem é mãe desses alunos, a gente não sabe a que grupo religioso pertence a família, a que grupo social, exatamente, pertence a família, mas nós sabemos que temos alunos que são filhos de militares. E a gente está entrando na casa desse pessoal e, às vezes, a gente está entrando com a nossa opinião. Até que ponto isso pode ser bom? Pode ser bacana? Pode ser seguro? É uma coisa que realmente tem me preocupado desde que fomos obrigados a adotar esse modelo de ensino. E parece que é uma coisa que vem pra ficar, as discussões nas escolas agora é o ensino híbrido. Acredito que mesmo passando a pandemia, havendo uma vacina, esse modelo permanecerá, ele não tem mais retorno, não voltará a ser o que era antes e isso é preocupante. Eu não sei se vocês conseguem ver dessa forma, mas em outras discussões que a gente tem feito a gente tem estado um pouco preocupado com isso, não é? (ESQUITAS DA DOCÊNCIA 6, 2020)

## REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes Históricas*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- ALMEIDA, Juniele Rabelo de; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (orgs.). *Introdução à História Pública*. São Paulo: Letra e Voz, 2011.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia poética*. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- BERARDI, Franco. *Depois do Futuro*. São Paulo: Ubu Editora, 2019.
- BLOCH, Marc Leopold Benjamin. *Apologia da História*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. História pública e redes sociais na internet: elementos iniciais de um debate contemporâneo. *Transversos: Revista de História*, Rio de Janeiro: LEDDES – UERJ, v. 7, n. 7, p. 35-53, 2016.
- CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. Fake news: do passado ao presente. In: PINSKY, Jaime. PINSKY, Carla Bassanezi. *Novos combates pela História: desafios - ensino*. São Paulo: Contexto, 2021.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- EMPOLI, Giulian da. *Os engenheiros do caos*. São Paulo: Vestígio, 2020.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- JAQUES, Felipe. Podcast e o Ensino de História: análises de duas propostas realizadas no Profhistória e apresentação de uma nova perspectiva. In: XIII ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA - HISTÓRIA E MÍDIA: NARRATIVAS EM DISPUTA,

- 2020, Online. *Anais...* Online, Associação Nacional de História – ANPUH, Seção Pernambuco, Online, 2020, p. 1-15.
- HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.
- LEAL, Bruno Souza. O jornalismo à luz das narrativas: deslocamentos. In: LEAL, Bruno Souza & CARVALHO, Carlos Alberto (Orgs.). *Narrativas e Poéticas Midiáticas: estudos e perspectivas*. São Paulo: Intermeios, 2013, p. 25-47.
- LE GOFF, Jacques. *Historia e memória*. Campinas: Unicamp, 1995.
- MENESES, Sônia. Negacionismos e histórias públicas peacionárias. *Opsis (Online)*, Catalão: Unidade Acadêmica Especial de História e Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás/Regional Catalão, v. 19, n. 2, p. 1-9, 2019.
- MIRA, Marília; ROMANOWSKI, Joana. Tecnicismo, neotecnicismo e as práticas pedagógicas no Cotidiano Escolar. In: IX – CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE, III ENCONTRO SUL BRASILEIRO DE PSICOPEDAGOGIA, 2009, Curitiba.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos históricos*. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais (PPHBC) da FGV CPDOC, v. 2, n. 3, p. 3-15, jan./jun. 1989.
- PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a Ética na História oral. *Projeto História*. São Paulo: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e História da PUC-SP, v. 15, p. 13-50, jul./dez. 1997.
- PORTELLI, Alessandro. *Ensaio de história oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2010.
- REIS, José Carlos. *História da consciência histórica ocidental: Hegel Nietzsche Ricoeur*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Volume 1. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- ROLLEMBERG, Denise. QUADRAT, Samantha. (orgs.). *A construção social dos regimes autoritários: Brasil e América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- ZUBOFF, Shoshana. *A era do capitalismo de vigilância: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder*. 1. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.

## REFERÊNCIAS SONORAS

- ESCUTAS DA DOCÊNCIA 1: aulas de História sobre a ditadura. Entrevistados: Rozanna Gonzaga, Cluideilson Pinheiro, Douglas Magalhães, Helton Souza e Wilton Santos. Quixadá: FECLESC/UECE, 3 out. 2020. Podcast.
- ESCUTAS DA DOCÊNCIA 2: aulas de História sobre a ditadura. Entrevistados: Este-

fânia Freitas, Matilde Brilhante, Amadeu Cardoso, Evandro de Araujo, Gusmão Freitas e Ruy Gondim. Quixadá: FECLESC/UECE, 10 out. 2020. Podcast.

ESCUTAS DA DOCÊNCIA 3: aulas de História sobre a ditadura. Entrevistados: Andressa Nascimento, Bianca Raquel, Flaviane Marla, Antonio Alves, Jeovane Saraiva e Veridiano Dantas. Quixadá: FECLESC/UECE, 17 out. 2020. Podcast.

ESCUTAS DA DOCÊNCIA 5: aulas de História sobre a ditadura. Entrevistados: Emília Parente, Eviania Rabelo, Josileuda Queiroz, Naiara Fernandes e Isaias Gondim. Quixadá: FECLESC/UECE, 31 out. 2020. Podcast.

ESCUTAS DA DOCÊNCIA 6: aulas de História sobre a ditadura. Entrevistados: Eudésia Nobre, Suyanne Rabelo, Alysson Lima, Ciro Barbosa e Geovan Nobre. Quixadá: FECLESC/UECE, 7 nov. 2020. Podcast.

ESCUTAS DA DOCÊNCIA 7: aulas de História sobre a ditadura. Entrevistados: Ellen Diany, Elmo Mayko e Marília Oliveira. Quixadá: FECLESC/UECE, 10 abr. 2021. Podcast.

ESCUTAS DA DOCÊNCIA 8: aulas de História sobre a ditadura. Entrevistados: Marcos Vicente, Jozineide Correia, Edjijafre Muniz, Aristóteles Pinheiro e Gilcimar Melo. Quixadá: FECLESC/UECE, 26 abr. 2021. Podcast.

## NOTAS

<sup>1</sup> Sobre o assunto: <https://www.youtube.com/watch?v=spvxzjMNYbo>. Acesso em: 05/01/2021.

<sup>2</sup> Alysson Lima, Amadeu Cardoso, Ana Moreno, Andressa Nascimento, Antonio Alves, Aristóteles Pinheiro Silva, Bianca Raquel, Cliudeilson Pinheiro, Douglas Magalhães, Dvandy Lima, Ederson Sousa, Edjafre Muniz, Elen Diany Rodrigues Mendes, Elmo Mayko, Emília Parente, Estefânia Freitas, Eudésia Nobre, Evandro de Araujo, Eviania Rabelo, Flaviane Marla, Ciro Barbosa, Marília Lopes, Naiara Pinheiro, Geovan Nobre, Gusmão Freitas, Helton Souza, Isaias Gondim, Jeovane Saraiva, Jozileuda Queiroz, Jozineide Correia, Marcos Felipe, Matilde Brilhante, Natália Lima, Rachel Henrique, Riccelly Guimarães, Rozanna Gonzaga, Ruy Gondim, Suyanne Barreto, Veridiano Dantas e Wilton Santos. As cidades, no Estado do Ceará, onde realizamos palestras nas Escolas: Banabuiú, Capistrano, Choró, Itapiúna, Ibaretama, Fortaleza, Maracanaú, Milhã, Mombaça, Ocara, Pacajus, Pedra Branca, Senador Pompeu, Solonópole, Quixadá e Quixeramobim. Nossos perfis nas plataformas online com os diversos episódios conversando com esses professores e professoras: <https://www.youtube.com/watch?v=VfvZaUf8SOA&t=7s>, <https://www.instagram.com/fonteshistoricasdaditadura/>, <https://anchor.fm/fonteshistoricasdadita/episodes/Projeto-Fontes-Histricas-da-Ditadura-Apresentao-ehclf2/a-a2qifc9> e <https://www.facebook.com/fonteshistoricasdaditadura>.

---

Artigo submetido em 23 de novembro de 2021. Aprovado em 22 de dezembro de 2021.